O trabalho do sonho

por que o sonho parece absurdo e como ele se torna legível

Murillo Sapia Gutier | murillogutier@hotmail.com · 18 de junho de 2026

Resumo

O sonho não é absurdo por acaso: ele é o resultado de um trabalho de deformação que converte um desejo inaceitável em imagens toleráveis. Compreender esse trabalho — e não decorar símbolos — é o que torna possível interpretá-lo.

Palavras-chave: Sonho. Conteúdo manifesto. Pensamentos oníricos latentes. Condensação. Deslocamento.

1. A tese central

Freud sustentou que o sonho é a **realização disfarçada de um desejo**. A afirmação soa excessiva até que se observe sua estrutura: há um desejo que busca satisfação; há uma censura que não o admite tal como é; e há um estado — o sono — em que a motricidade está suspensa, de modo que a satisfação só pode ocorrer no plano das imagens. O sonho é o arranjo que resolve esse impasse. Ele satisfaz o desejo e engana a censura ao mesmo tempo, e é essa dupla exigência que produz sua estranheza (cf. Freud, 1900).

2. Dois níveis, não um

Toda a interpretação repousa numa distinção simples. O **conteúdo manifesto** é o sonho tal como o sonhador o relata: as imagens, o enredo, a sequência. Os **pensamentos oníricos latentes** são o material do qual esse relato foi fabricado — desejos, restos do dia, lembranças. Entre um e outro há uma operação de transformação que Freud chamou de **trabalho do sonho**. Interpretar não é traduzir símbolos fixos: é percorrer no sentido inverso o caminho dessa transformação, com o auxílio das associações do próprio sonhador.

3. Os quatro mecanismos

O trabalho do sonho opera por quatro procedimentos. A **condensação** funde várias ideias numa só imagem — daí figuras compostas, pessoas com traços de mais de alguém, palavras que reúnem sentidos díspares. O **deslocamento** transfere a intensidade psíquica de um elemento importante para outro insignificante, o que explica por que sonhos angustiantes giram em torno de detalhes banais. A **figurabilidade** converte pensamentos abstratos em imagens visuais, pois o sonho pensa por cenas. E a **elaboração secundária**, já no despertar, reorganiza o material em narrativa minimamente coerente — sendo, por isso, a camada mais enganosa (cf. Freud, 1900).

4. Contra o dicionário de símbolos

Freud admitiu a existência de símbolos de circulação relativamente estável, mas advertiu contra o uso mecânico deles. O sentido de um elemento onírico depende das associações daquele sonhador, e não de uma tabela. Um mesmo objeto pode significar coisas opostas em duas análises. Substituir a associação livre por um dicionário é abandonar o método e conservar apenas sua aparência — erro que produz interpretações elegantes e clinicamente inúteis (cf. Laplanche; Pontalis, 2001).

5. Os sonhos que contrariam a tese

Duas objeções são clássicas. Os **sonhos de angústia** parecem contradizer a realização de desejo — mas a angústia indica precisamente que a deformação falhou e que o desejo se aproximou demais da consciência. Os **sonhos traumáticos**, que repetem literalmente a cena penosa, foram o problema mais sério: eles levaram Freud a reformular a

teoria em 1920, admitindo uma compulsão à repetição que opera para além do princípio do prazer. A tese do desejo não foi abandonada, mas deixou de ser universal (cf. Freud, 1920).

6. O sonho como modelo

A importância do sonho excede seu conteúdo. Ele é a formação do inconsciente mais acessível, porque ocorre em todos, com regularidade, e pode ser relatado. Por isso serve de modelo para a leitura das demais formações: o sintoma, o ato falho e o chiste seguem lógicas análogas de condensação e deslocamento. Quem aprende a ler um sonho aprendeu, no essencial, o método psicanalítico de leitura — daí a "via régia" a que Freud se referiu.

Lógica do tema (o trabalho do sonho)

O encadeamento é econômico. Existe um **desejo** que busca satisfação e uma **censura** que a impede. No sono, a **descarga motora está bloqueada**, restando a via da imagem. Para passar pela censura, o desejo precisa ser **deformado** — e a deformação tem procedimentos identificáveis: condensação, deslocamento, figurabilidade e elaboração secundária. Como os procedimentos são conhecidos, o caminho pode ser **percorrido de trás para frente**, desde que se disponha das **associações do sonhador** e não de um dicionário. Quando a deformação **falha**, aparece a angústia; quando o material é **traumático**, a repetição escapa à lógica do desejo e exige nova teoria. Por ser regular e relatável, o sonho torna-se o **modelo** de leitura de todas as demais formações do inconsciente.

Quadro sinóptico

Tema	Explicação
Conteúdo manifesto	Sonho tal como relatado pelo sonhador. Compreende imagens, enredo e sequência aparentes. É o produto final do trabalho de deformação. Não possui sentido próprio isolado das associações.
Pensamentos oníricos latentes	Material do qual o sonho foi fabricado: desejos, restos diurnos e lembranças. Só se torna acessível pelo trabalho associativo. Constitui o objeto propriamente dito da interpretação. Nunca é dado de imediato.
Trabalho do sonho	Conjunto das operações que convertem os pensamentos latentes em conteúdo manifesto. Compreende condensação, deslocamento, figurabilidade e elaboração secundária. É ele, e não o conteúdo, o objeto teórico central. Interpretar é percorrê-lo em sentido inverso.
Condensação	Fusão de várias representações numa única imagem ou palavra. Produz figuras compostas e neologismos oníricos. Explica a densidade de sentido de fragmentos breves. Multiplica as vias associativas de um mesmo elemento.
Deslocamento	Transferência da intensidade psíquica de um elemento central para outro periférico. Torna o essencial irreconhecível. Explica a aparente banalidade de sonhos intensos. É o principal recurso de burla da censura.
Figurabilidade	Conversão de pensamentos abstratos em imagens visuais. Decorre da natureza predominantemente visual do sonho. Exige transformar relações lógicas em relações espaciais ou de sucessão. Contribui para a impressão de absurdo.
Elaboração secundária	Reorganização do material onírico em narrativa coerente, já próxima do despertar. Introduz nexos que não pertenciam ao sonho. É a camada mais enganosa do relato. Deve ser desfeita em primeiro lugar na interpretação.
Sonho de angústia	Sonho em que o afeto penoso irrompe apesar da deformação. Indica falha parcial da censura. Não contradiz a tese da realização de desejo, mas a confirma por seu fracasso. Costuma preceder o despertar.
Sonho traumático	Repetição literal de cena penosa, sem deformação apreciável. Constitui exceção à realização de desejo. Motivou a formulação da compulsão à repetição em 1920. Marca o limite explicativo do princípio do prazer.

Símbolo onírico	Elemento de sentido relativamente estável entre sonhadores. Reconhecido por Freud, mas subordinado às associações individuais. Seu uso mecânico descaracteriza o método. Nunca substitui a associação livre.

Referências

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** (1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer** (1920). In: Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 14.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Publicado em https://psicanaliticamente.com.br/artigos/o-trabalho-do-sonho.html · PSICanalíticaMENTE · Murillo Sapia Gutier